

**Resenha do Livro:**

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 41ª edição. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.

**Resenha de:**

Juliana Gonçalves Gobbe

Universidade de Campinas – UNICAMP

Em 2014, o livro *Escola e Democracia* completa 31 anos desde sua 1ª edição. A publicação da obra deu-se num período em que o povo brasileiro via se às portas do movimento Diretas Já, pleiteando a legitimação do fim de um sistema ditatorial que vigorava há 20 anos no país, sistema esse que abortou ideias, implantou o medo, e consequentemente a despolitização de grande parte da população.

Ante o título e as qualificações do seu autor, o leitor já prevê que *Escola e Democracia* ancora-se em densidade filosófica, cujo cariz aponta para uma perspectiva de transformação da sociedade. Afinal, a obra de Dermeval Saviani já teve mais de 40ª edições, o que nos mostra seu valor histórico para a educação no Brasil.

Aqui, utilizamo-nos da 41ª edição, do ano de 2009. Nela, o leitor é presenteado com oito prefácios, relativos a algumas edições anteriores. Todos os prefácios merecem comentários, no que diz respeito à relevância destes para a obra como um todo, no entanto, por questões formais, elencar-se-ão na resenha ora apresentada somente alguns.

A notar, há especificamente no prefácio da 20ª edição, devido o encadeamento de algumas polêmicas em torno da obra, uma ressalva do autor: “Este não é um livro contra a *Escola Nova* como tal. É antes, um livro contra a pedagogia liberal burguesa”(p.xxvi).

Em tempo, ainda sobre a *Escola Nova* temos nas frases finais do prefácio da 35ª edição o exercício do autor em enfatizar suas expectativas em torno da obra: “Espero que, por esse caminho, se possa deslocar um pouco o foco das atenções da polêmica com a *Escola Nova* para a construção da pedagogia histórico-crítica, em cujo ponto de partida se encontra a presente obra” (p.xvi).

A publicação da 33ª edição, alterna-se às comemorações do centenário de nascimento do educador baiano Anísio Teixeira. No prefácio da edição em questão, Saviani presta-lhe uma homenagem, onde afirma que Anísio “...se empenhou, por todos os meios, na luta em defesa de uma escola pública de qualidade aberta a todos os brasileiros indistintamente” (p.xxi).

Por fim, no prefácio da 36ª edição, o autor de *Escola e Democracia* traça um panorama das mobilizações ocorridas na década de 1980, em que se via uma forte militância política no Brasil. Na década seguinte o país passou por uma onda de depreciação relacionada aos assuntos políticos. Acrescentou-se a isso a já conhecida precarização do trabalho docente em todos os níveis educacionais no Brasil. Segundo o autor: “É gratificante constatar que, resistindo a essas flutuações de conjuntura, este livro continuou sendo um valioso auxiliar no trabalho dos professores, como o atestam as suas sucessivas reedições” (p.xii).

Quanto à composição do livro, assim se segue: Uma apresentação e quatro capítulos. O último texto que integra o capítulo quatro, intitulado: “Onze teses sobre educação e política” foi produzido pelo autor para contemplar a presente edição. De acordo com Saviani: “Seu objetivo é encaminhar, de modo explícito, a discussão das relações entre educação e política, já que aí reside a questão central que atravessa de ponta a ponta o conteúdo deste livro” (p.1).

O primeiro capítulo do livro intitula-se: “As teorias da educação e o problema da marginalidade”. Nele, o autor tece considerações sobre o alarmante estado no qual se encontram as escolas em que os alunos sofrem condições nefastas de analfabetismo, o que, conseqüentemente os enquadram na esfera da marginalidade acadêmica. Aí então, Saviani reforça a função da educação, como àquela que promove a integração dos indivíduos em sociedade.

Utilizando-se dos aspectos da crítica na percepção do que chama de “condicionantes objetivos” no que concerne às questões em torno da marginalidade, o autor discorre sobre dois grupos de teorias educacionais.

No primeiro grupo temos as “teorias não críticas”, engendradas pela: Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova e Pedagogia Tecnicista. Estas teorias percebem a educação como fenômeno autônomo, porém, suas explicações em torno do aspecto educativo não ultrapassam os muros da escola.

No cerne da pedagogia tradicional, a problemática da marginalidade é assim exposta por Saviani: “...a causa da marginalidade é identificada com a ignorância. É marginalizado da nova sociedade quem não é esclarecido” (p.5). Logo, de acordo com a pedagogia tradicional, torna-se papel primordial da escola difundir conhecimentos, sem nenhuma aproximação maior com o arcabouço das questões sociais.

No âmbito da pedagogia nova, a marginalidade já não é mais vista sob o prisma da ignorância, como na pedagogia tradicional, o autor nos aponta que para esta nova corrente os marginalizados passam agora ao taxativo estado de rejeitado, anormal, o que o torna simplesmente um ser diferente dos outros. Sobre isto Saviani afirma: “Compreende-se, então, que essa maneira de entender a educação, por referência à pedagogia tradicional, tenha deslocado o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento...” (p.8). Dessa forma o conhecimento passa pelo espontaneísmo didático, desembocando na famosa conceituação do “aprender a aprender”.

Para o autor, o quesito marginalidade dentro da Escola Nova foi agravado, pois as preocupações foram deslocadas do aspecto político para o de ordem técnico-pedagógico.

Na sequência, o autor aponta a marginalidade nos meandros da pedagogia tecnicista. Para esta abordagem, de acordo com Saviani: “Marginalizado será o incompetente (no sentido técnico da palavra), isto é, o ineficiente e improdutivo” (p.12). E, assim posto, a educação contribuirá para “sanar o problema” se formar indivíduos que fomentem a produtividade.

Para Saviani: “Do ponto de vista pedagógico, conclui-se que, se para a pedagogia tradicional a questão central é aprender e para a pedagogia nova, aprender a aprender, para a pedagogia tecnicista o que importa é aprender a fazer” (p.13).

Cumprir enfatizar que estas visões engendradas num sistema altamente burocrático, contribuíram para o avanço da marginalização na educação no Brasil.

As “teorias Crítico- Reprodutivistas” são abarcadas por teorias, tais como: teoria do sistema de ensino como violência simbólica, teoria da escola como aparelho ideológico de Estado (AIE) e teoria da escola dualista.

A primeira trata a violência simbólica como manifestação de vários meios de comunicação, como, jornais, literatura, pregação religiosa, entre outros. No entanto, para Saviani, o eixo norteador desta perspectiva é a educação como reprodutora das desigualdades sociais. Como abordaria-se então a questão da marginalidade nesta teoria? Segundo o autor, as pessoas seriam marginalizadas socialmente por não possuírem o capital econômico, bem como, também culturalmente por não possuírem “força simbólica”, ou seja, “capital cultural”.

A segunda teoria discorre sobre a escola como aparelho ideológico do estado e, tem como ideólogo o francês Althusser. Saviani mostra que: “ Como AIE dominante, vale dizer que a escola constitui o instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção tipo capitalista” (p.21).

A terceira teoria enseja uma visão dualista da escola. Ocorre aí a organização da escola pela burguesia como “um aparelho separado da produção”. Assim, a escola não vislumbra o desenvolvimento das forças proletárias, fazendo com que seu caráter marginalizador torne-se ainda mais ostensivo.

Feitas as apresentações das teorias, o autor mostra ao leitor as possíveis contribuições e imprecisões no bojo de cada uma delas. Saviani aponta, então para uma teoria crítica ressaltando que: “Do ponto de vista prático, trata-se de retomar vigorosamente a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares” (p.29).

No segundo capítulo da obra que se intitula: “ Escola e democracia I: a Teoria da Curvatura da Vara”, Saviani problematiza a política face o funcionamento interno da escola, especificando aqui o 1º grau. Para tanto, alicerça suas ideias em três teses. Vale aqui lembrar que o teórico se vale de uma metáfora sobre a teoria que já fora mencionada no título do capítulo, ou seja, “ a teoria da curvatura da vara” esboçada pelo revolucionário russo Vladimir Lenin. Quando criticado por suas posições extremistas, o revolucionário respondeu certa vez: “...quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto” (p.34). Assim, Saviani discorre dialeticamente em torno de suas teses sobre a educação.

A primeira imbuí-se do que o autor classificou como “caráter revolucionário da pedagogia da essência e do caráter reacionário da pedagogia da existência” (p.34). A segunda é assim anunciada como “pedagógico-metodológica”. Acentua-se nesta premissa, o caráter “ científico do método tradicional e do caráter pseudocientífico dos métodos novos”. A terceira tese caracteriza-se sob o a concepção de que quando se alardeava a democracia dentro da escola, menos está se mostrava, e quando menos se falava em democracia, mais a escola emergia como construtora de uma “ordem democrática”.

Outro ponto deste 2º capítulo que merece ser mencionado é a questão da importância da historicidade em matéria da educação. Sobre isso Saviani enfatiza: “Vejam que toda postura revolucionária é uma postura essencialmente histórica, é uma postura que se coloca na direção do desenvolvimento da história” (p.36). No evoluir da história nem sempre as necessidades das massas coincidem com as prioridades da burguesia.

Saviani termina este capítulo ainda numa reflexão, cuja base centra-se na “curvatura da vara” aludindo ao fato de que sua esperança era de que a vara atingisse seu ponto correto, no sentido de abertura de mais espaços para as forças populares, para que a escola seja também a autora de uma “nova sociedade”.

O capítulo três : “ Escola e democracia II: Para além da teoria da curvatura da vara” traz ao leitor a bem sucedida empreitada do autor, ao trabalhar as teses esboçadas anteriormente na tarefa de apresentar propostas de superação.

Saviani discorre sobre a fragilidade das características, tanto da escola tradicional, como da escola nova, que de maneira pueril acreditavam-se as “grandes redentoras da humanidade”, no entanto não traziam à baila de suas discussões, aspectos como os “ condicionantes histórico-sociais da educação”.

O autor apresenta ainda sua metodologia que incluiria “a vinculação entre educação e sociedade”. Desse modo, o papel de professores e alunos se distinguiriam das acepções anteriores de cunho individualista, para a condição de “agentes sociais”.

Cabe aqui enunciar que a conceituação de Saviani sobre educação encerra-se na conjectura de uma “atividade mediadora no seio da prática social global. No método de Saviani há a consideração da sociedade dividida em classes com interesses que não coincidem entre si. No entanto, o autor chama a atenção para a luta no campo pedagógico, para isso, é necessária a transformação nos modos de produção, acelerando assim o processo de igualdade social entre os seres humanos.

O capítulo quatro traz o seguinte título: “Onze teses sobre educação e política”. Nele, Saviani traz as especificidades entre educação e política. E aí ocorrem perguntas por parte do teórico: “Cabe, pois indagar: educação e política equivalem-se, identificam-se? Se são diferentes, em que consiste a diferença?” (p.73).

O autor nos remete a análise de que estes fenômenos, embora inseparáveis, não são idênticos. Na educação os embates são travados com seres “não-antagônicos”, ou seja, entre educadores e educandos existe um consenso em relação à mediação de suas práticas, já no âmbito da política os embates se dão entre seres antagônicos, pois o que está em jogo é a vitória e não a retórica em busca do convencimento.

Segundo as palavras do autor: “...a prática política apóia-se na verdade do poder: a prática educativa, no poder da verdade” (p.78). Percebe-se aí que na sociedade de classes a verdade nunca será interesse dos dominantes, pois isso acentuaria as evidências da exploração de muitos pelas mãos de uns poucos.

E assim, percebe-se que através do conhecimento socializado “realizando-se na especificidade que lhe é própria que a educação cumpre sua função política” (p.79).

Para além da leitura, muitas vezes apressada e superficial feita no decorrer dos cursos de pedagogia no Brasil, a obra Escola e Democracia é antes um livro de relevo por sua compreensão dialética e de enfrentamento das abordagens teóricas ensimesmadas ora em culturalismos, ora em psicologismos enviesados numa visão romântica que pouco contribuiu para um avanço que coadunasse escola e sociedade, portanto, o livro de Dermeval Saviani insere-se na historiografia educacional como obra fundante da Pedagogia Histórico- Crítica, pois nele o autor anuncia uma teoria que tece explicações para o processo escolar que vão além das paredes da sala de aula.